

Mestres memoráveis da Universidade de Brasília: por uma literatura comparada saudosa do futuro

*Ana Clara Magalhães de Medeiros**

*Aos mestres do comparatismo, de ontem e de hoje, radicados no
Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília,
que fazem da literatura comparada um modo de pensamento livre.*

* Pesquisadora bolsista CAPES em nível de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília – PósLit/UnB. Orientador: Prof. Dr. Augusto R. da Silva Junior. Contato: a.claramagalhaes@gmail.com.

Aos 18 anos, quando recém-egressa na graduação em Letras da Universidade de Brasília, comecei a frequentar o saudoso Auditório Agostinho da Silva do Instituto de Ciências Centrais (ICC/UnB) para participar de grupos de pesquisa, palestras, leituras cênicas e demais atividades promovidas pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura. Então, fiquei abismada com a história literária, intelectual e universitária que pulsava – devagarinho, mas constante – nas paredes encardidas daquele auditório que homenageava um enorme pensador de literatura e cultura que esta Universidade teve o privilégio de abrigar.

Começo por esta pequena alusão saudosa do início desta década no PósLit porque é preciso apresentar alguns gênios mortos e outros grandes mestres vivos que aqui me ensinaram (ou tentaram me ensinar a muito custo, com bastante arrojo da parte deles e muita displicência de minha própria parte) a pensar e tecer isto a que hoje chamamos de Estudos Literários Comparados. Contudo, naquele tempo em que atuaram Agostinho da Silva, Eudoro de Sousa, Cassiano Nunes e Cyro dos Anjos – colaboradores primevos do PósLit (e da Universidade de Brasília) que o mesmo PósLit me deu a conhecer, ler e respeitar –, a Literatura Comparada era antes um modo de pensamento, uma práxis do intelectual crítico e fazedor de literatura, que uma área específica da Teoria Literária.

Para que não se pense valer nesta exposição a premissa do machadiano Conselheiro Aires de que “os velhos ainda vão mais depressa que os mortos” (ASSIS, 2009, p. 217), dedico-me a mencionar os velhos mestres (não por idade, mas por tempo de mestria), ainda vivos e atuantes no Programa, que me apresentaram estes grandes comparatistas e, a seu modo, ensinaram-me também a praticar o estudo literário comparado: Augusto Rodrigues, Hermenegildo Bastos, Henryk Swievrievski, Edvaldo Bergamo, Erivelto Carvalho. Docentes que, de maneira muito consciente e responsiva, fazem Literatura Comparada e constroem o pensamento universitário também por terem lido aqueles pensadores pregressos. Suscitam em nós, pesquisadores jovens e errantes, o anseio por conhecer a obra crítica daquele poeta que *muito bicicletaria* e que aproximou o apagamento literário de Monteiro Lobato ao de Graciliano Ramos. Evocam a curiosidade por conhecer um filósofo *performer* (antes mesmo de se proliferarem no Brasil os estudos sobre a performance) que criou, vinculado ao Instituto de Letras da UnB, o Centro de Estudos Clássicos – em que literatura, filosofia e cultura greco-romana se entrelaçavam para formar intelectuais completos (e complexos). Ou, ainda, o desejo de ser apresentado ao poeta-filósofo que fundou o pensamento sobre hífen luso-brasileiro na Universidade de Brasília, a quem esta retribuiu com a criação de uma Cátedra de estudos de Literatura em Língua Portuguesa que leva seu nome.

Quite com vivos e defuntos, prosseguimos no intuito de mostrar como estes comparatistas da história, que tiveram parte decisiva na composição da nossa história acadêmica, interferem na escrita e

na vida daqueles que procuram o PósLit/UnB para desenvolver dissertações, teses e demais projetos em Literatura Comparada.

Começamos por uma premissa básica que já foi dita por Aristóteles na *Poética* clássica, pelos filósofos estetas do século XVIII (como Friedrich Hegel), por alguns nomes importantes da teoria literária do século XX, como Mikhail Bakhtin, Georg Lukács e Erich Auerbach. É certo que, no Brasil, também o disseram Antonio Candido e um importante conjunto de críticos que o sucederam. Entretanto, devido à nossa especial predileção, neste momento festivo, por aqueles que marcaram a cena literária brasileira, ao mesmo tempo que impulsionaram a criação deste Programa, preferimos as palavras de Cassiano Nunes:

Fui professor universitário numa época em que os departamentos de literatura eram excessivamente teóricos. Naturalmente, o estudo teórico é necessário, sobretudo na universidade, mas a realidade, palpitante, concreta, não pode ser negligenciada de modo algum. Na época a que me refiro, a história literária chegava a ser desprezada. E o que é a nossa vida e a vida dos povos senão história? Fatos vívidos... (...) A literatura não prescinde da vida e, igualmente, a vida se torna pobre, vã sem o influxo inspirador da cultura literária (NUNES, 2004, p. 10).

O professor de literatura brasileira destaca a interdependência necessária entre literatura e vida, vida “palpitante, concreta”, como algo que precede os elementos teóricos em vigência no meio acadêmico de seu período docente – que não podemos considerar como ranço já extinto em nossos dias. Vida que é história, experimentada ordinariamente, transformada em palavra poética ou romanesca por aqueles indivíduos comuns que perceberam ser vã uma existência sem o influxo inspirador – que chamaríamos também de influxo transformador – da arte.

Lançado o ponto de partida que orienta nossas análises comparadas, avançamos em relação à consideração que fazem nossos pensadores da casa a respeito da literatura enquanto núcleo cultural de um povo, que, por sua plasticidade vital, instiga gerações consecutivas a desassossegarem-se com as palavras ditas e com o mundo dado.

Agostinho da Silva, que, aliás, foi também poeta fazedor de heterônimos e perpetuou uma tradição de docentes poetas neste Programa de Pós-Graduação, soube ponderar com discernimento a literatura de seu país em relação àquelas produzidas em grandes centros intelectuais espalhados pelo mundo:

Nós temos inegavelmente grandes escritores em Portugal; mas são tão poucos que não podem autorizar a lenda (...) de que a nossa literatura é uma das grandes do mundo. E, se buscarmos bem, só encontraremos quatro ou cinco nomes que nos não envergonham no concerto europeu. O resto

– frades ingênuos, acumuladores de factos, oradores verbalistas...
 Porque é tempo de acabarmos com lendas e tradições falsas; de nos não guiarmos apenas pelo que dizem os historiadores da literatura; de ler as literaturas estrangeiras e depois as compararmos com a nossa; de não considerarmos Portugal um *país glorioso* que pode dormir, mas um pobre país que precisa de acordar e *fazer-se* (DA SILVA, 2000, p. 174).

Conhecendo-se o aspecto nacionalista – quase épico – da cultura lusitana, impressiona a lucidez de Agostinho. Convoca a comparação não apenas para que se observem dados analíticos ou para que se teça um panorama literário internacional. Mais que isso, quer incitar a ação de um país que precisa crescer cultural, artística e mesmo humanamente. Desautorizar uma lenda sustentada pelos *acumuladores de factos* e pelos ufanistas verborrágicos erige como tarefa do crítico que enxerga, certamente, a glória em quatro ou cinco nomes da tradição portuguesa, mas que perscruta, insistentemente, obras no país e para além dele que sejam, de fato, integrantes deste conjunto inacabado de arte em plenitude, responsiva à vida e aos maiores anseios humanos, feita em todos os tempos e todas as partes – no “grande tempo” literário (BAKHTIN, 2006, p. 410) a que o professor chamou de *concerto*.

Ao estabelecer comparação teórica entre os dois mestres da Universidade de Brasília desponta algo que, à primeira vista, assemelha-se a um nó pensamental. Cassiano Nunes clama pela consideração da história literária; Agostinho quer que nos desvencilhemos dos mitos pregados pelos historiadores da literatura. Ora, se o autor lusitano requer o exercício comparatista é justamente para que o cânone literário não se mantenha estático, para que o estatuto da cultura de um país, de um continente se refaça continuamente, acompanhando a atualidade viva e cambiante da nossa própria existência. Aqui, voltamos à premissa de Cassiano Nunes, de que vida e literatura imiscuem-se para que uma e outra se plenifiquem de sentido. A história da literatura está aberta e o esforço comparatista cumpre o papel de repensar, refutar e expandir a biblioteca de babel universal – de que faz parte um Jorge Luis Borges, mas também seus precursores, contemporâneos e sucessores.

Chegados à segunda premissa que norteia nosso estudo, faz-se necessário exemplificar o exercício cotejador de nossos mestres. Para tal, elegemos índice reflexivo apresentado por Eudoro de Sousa em um de seus ensaios esparsos – intitulado “Os dois cantos finais d’*Os Lusíadas* à luz da tradição clássica” – primeiramente publicado no *Correio Braziliense*, em 1968, e recém resgatado pelo grupo de pesquisa Archai, do Departamento de Filosofia da UnB, no livro *Catábase*, de 2013.

No texto sobre *Os lusíadas*, o pensador estabelece pelo menos três análises comparadas: a primeira, entre a crítica olvidada do pesquisador António Salgado Júnior, a respeito do *realismo* na

epopeia portuguesa e os os chamados “mais eruditos camonistas” (SOUSA, 2013, p. 198) – Hernâni Cidade e Fidelino de Figueiredo. A segunda, entre a épica camoniana e a epopeia grega clássica. A terceira comparação, finalmente, entre os cantos IX e X dos *Lusíadas*, que poderiam esconder uma catábase, descida aos infernos, conforme definição filosófica.

Note-se que, em apenas catorze páginas, o criador do extinto Centro de Estudos Clássicos estabelece algo em torno de quatro estudos comparados distintos, a partir do material literário que tem em mãos: 1) confronta a crítica camoniana mais renomada àquela que, a despeito do rigor e lucidez do enunciado, permaneceu olvidada; 2) realiza comparação diacrônica, entre obra moderna (século XVI) e epopeias antigas; 3) propõe comparação interna à épica lusitana, entre dois de seus cantos; 4) no entremeio em que discorre sobre a problemática da catábase, suscita reflexão que passa por pelo menos duas áreas do conhecimento – a literatura e a filosofia.

Como é exíguo o espaço para exposição desse grande pensamento de Eudoro, aqui apenas parcamente apontado, optamos por mencionar apenas sua conclusão, que serve ao nosso intuito de desvelar um refinado pesquisador em estudos comparados:

Eis a hipótese que submetemos à apreciação dos ilustres e esclarecidos mestres de Literatura Portuguesa e Brasileira, com o firme propósito de escutar, na mesma disponibilidade de espírito, os argumentos que a defendam ou refutem (SOUSA, 2013, p. 211).

Parece-nos que tal tipologia de pensador rareia em nossos tempos – mas é certo que a proposta de diálogo lançada por Eudoro de Sousa convida a novos estudos sobre o *realismo* nos *Lusíadas*, seus momentos catabáticos ou ao menos à discussão sobre o *status* da crítica camoniana. Além disso, o caráter inacabado do pensamento faz-nos retornar à premissa de Agostinho da Silva de que a literatura, bem como a crítica literária precisam continuamente refazer-se.

Cassiano comparou Monteiro Lobato ao resistente Miguel de Unamuno. Agostinho leu todo o cânone ocidental para, à luz dele, pensar e fazer literatura portuguesa. Eudoro aproxima o episódio camoniano passado na Ilha dos Amores à descida aos infernos da Odisseia de Homero. Das afirmações desponta conclusão imprescindível para o exercício da crítica literária comparada: esta assenta-se, necessariamente, no que pulsa do literário, no que a literatura exige de reposta da vida. Parece ser esta a decisiva proposição teórica que une nossos mestres passados – tão efetivos na composição de seus ensaios escritos há cerca de quarenta anos, tão visionários na utilização de uma metodologia analítica baseada não em volúveis teorias literárias, mas fixadas na perenidade de uma teoria do literário.

Em uma casa que me concedeu tantos mestres dos Estudos Comparados – vivos e mortos, falantes ou emudecidos – era inevitável que, ao longo de toda minha trajetória acadêmica, desde a produção monográfica até a escrita de uma tese, optasse pelo desenvolvimento de análises polifônicas da matéria literária, possíveis a partir da plasticidade lógica e metodológica do comparatismo. Neste esteio, pareceu-me oportuno comparar a prosa-poética de José Saramago (sobretudo no tanatográfico *O ano da morte de Ricardo Reis*, 1984) à *poesia nublada* (MEDEIROS, 2014) de fins da vida do Pessoa ortônimo; atrelar o fantasma shakespeariano de *Hamlet* à cabocla do morro revelada por Machado de Assis em *Esau e Jacó* (1904), ou mesmo entender que o argentino Jorge Luis Borges é um refinado precursor de Miguel de Cervantes... Isso, contudo, é somente material para uma tese de doutorado em literatura. Mais importante é que a criatividade comparativa de nossos antecessores permaneça norteando o desenvolvimento de intelectuais capazes de confrontar os dilemas coronários mais perigosos, de acreditar que o nevoeiro é transponível e de atuar para que a nossa história – acadêmica, cultural, nacional – não coincida com a narrativa de uma tragédia incontornável.

Para finalizar, imito precariamente o retórico Eudoro de Sousa e lanço uma hipótese para o desenvolvimento dos estudos comparados em nosso meio – que deve ser defendida ou refutada, desde que problematizada. Acionando conceito português muito caro a Agostinho da Silva, convido aqueles que exercitam a crítica literária comparada a sentirem saudade do futuro. A visitarem, portanto, os nossos mestres primeiros, que há muito apontam para o porvir do nosso pensamento – já que não podemos dormir, há que acordar e fazer-nos!

Referências:

ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: Globo, 1997.

_____. *Memorial de Aires*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. Metodologia das ciências humanas. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 393-410.

MEDEIROS, Ana Clara M. de. O que tem de ser tem de ser e tem muita força: história, tanatografia e poesia n’*O ano da morte de Ricardo Reis*. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Práticas Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Literatura. Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

NUNES, Cassiano. *Literatura e vida*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVA, Agostinho da. *Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira I*. Vol. I. Lisboa: Âncora, 2000.

SOUSA, Eudoro de. *Os dois cantos finais dos Lusíadas à luz da tradição clássica. Catábases: estudos sobre viagens aos infernos na Antiguidade*. Org. Marcus Mota e Gabriele Cornelli. São Paulo: Annablume Clássica, 2013, p. 197-211.